

Homem trans e drag

Leonardo Luis

A minha drag tem sido para o lado feminino, conhecida no meio drag também com o termo “polida”, e ultimamente tem sido caricata também, estilos que podem mudar e variar de acordo com minha maturação em performances.



Durante a construção dela, que nasceu em meados de junho de 2019, eu pude pensar o quanto eu sentia falta de usar salto, de pintar as unhas, não que eu tivesse sido uma pessoa tão feminina assim durante minha vida, mas gostava de brincar com o andrógino, misturar peças de roupas ditas masculina e femininas. Sendo uma pessoa preta, é delicado

fazer essas coisas, pois agora como homem preto, ser afeminado é algo insultante para a sociedade, que pinta o homem preto como viril e sempre muito masculino e ativo. Usei a drag como válvula de escape pra essas coisas.

Ela também vem sendo pensada depois de uma fala de minha mãe, quando fui elogiá-la sobre há tempos não estar mais me chamando com pronomes femininos e ela disse: “é como se aquela pessoa tivesse viajado e nunca mais voltou”. Eu senti a perda dela, e usei a drag pra que de alguma forma ela pudesse ver que aquela pessoa ainda sou eu, e suavizar esse sentimento de perda de um ente querido.

A drag me faz pensar muito sobre ter coragem de novamente utilizar roupas ditas femininas no meu





dia a dia; ultimamente tenho usado calças mais apertadas, mas ainda não consigo usar salto no dia a dia, ou pintar as unhas, “ah como sinto falta de pintar minhas unhas!”; eu tinha uma coleção de esmaltes que me senti obrigado a desfazer com minha transição.

Sabah veio mostrar o meu alter ego, feminina, caricata e, como diria pela sociedade, bem puta mesmo, não precisa de homens pra se fazer presente, pra se fazer bem, pra ser feliz.

A escolha do nome advém de uma personagem da bíblia que, segundo a estória, era bem rica, não era casada e não se deixa enganar por homem. Essa sou eu, isso faz parte da minha construção como pessoa!